



PEQUENOS HERMENEUTAS: LITERATURA, ARTE E SAÚDE EM NARRATIVAS E IMAGENS

Fabiana Buitor CARELLI¹

RESUMO: Este artigo trata mais de hipóteses de pesquisa do que de respostas. O objetivo das ações criativas e críticas a respeito das quais aqui se pondera é, no limite, fundamentar a reflexão sobre a arte e o exercício da criação artística como modo de conhecimento e de ação sobre o mundo, por meio da elaboração narrativa e imagética de cinco obras ilustradas relacionadas ao campo interdisciplinar da medicina e da literatura e de uma reflexão teórica sobre elas. Tais obras constituirão os cinco primeiros volumes de uma planejada coleção intitulada *Pequenos Hermeneutas*, elaborada a partir da análise crítica das séries *Pequeno Filósofo* (Editora Martins Fontes, Brasil) e *Les Petits Platons* (Les Petits Platons, França) e de um estudo amplo da fenomenologia da saúde e de suas ramificações teóricas, de aspectos filosóficos sobre arte e linguagem e de modelos e técnicas da criação literária e da ilustração.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e medicina. Arte e saúde. Fenomenologia da saúde. Literatura de recepção infantil e juvenil. Ilustração.

LITTLE HERMENEUTISTS: LITERATURE, ART AND HEALTH IN NARRATIVES AND IMAGES

ABSTRACT: This article is more about research hypotheses than answers. The objective of the creative and critical actions that are considered here is, at the limit, to set foundations for the consideration of art and the exercise of artistic creation as a form of knowledge and empiric action, through the narrative and visual conception of five illustrated books related to the interdisciplinary field of medicine and literature, as well as a theoretical appreciation of them. These books will be the first five volumes of a planned collection entitled *Pequenos Hermeneutas* [Little Hermeneutists], based on a critical analysis of the *Pequeno Filósofo* (Editora Martins Fontes, Brazil) and *Les Petits Platons* (Les Petits Platons, France) series, and a broad study of the following fields: phenomenology of health and its theoretical ramifications, philosophical aspects of art and language, and models and techniques of literary creation and illustration.

KEYWORDS: Literature and medicine. Art and health. Phenomenology of health. Literature for children and youngsters. Illustration.

1 Visiting Fellow na Princeton University (USA) (Processo FAPESP BPE 2021/09906-9); Professora Associada (Livre-Docente) da Universidade de São Paulo, Brasil; coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo (GENAM). Endereço eletrônico: <fbcarelli@gmail.com>.



A obra [de arte] abre um mundo e mantém-no numa permanência que domina.

Ser obra quer dizer: instalar um mundo.

(M. Heidegger)

O fato de experimentarmos a verdade numa obra de arte, o que não se alcança por nenhum outro meio, é o que dá importância filosófica à arte, que se afirma contra todo e qualquer raciocínio. Assim, ao lado da experiência da filosofia, a experiência da arte é a mais clara advertência para que a consciência científica reconheça seus limites.

(Hans-Georg Gadamer)

O QUE FAÇO QUANDO NARRO?

Desde 2011 venho conduzindo, como líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo (GENAM), DGP-CNPq n. 4433293870972085, e em meus projetos individuais, diversas investigações, cursos, orientações e supervisões a respeito das relações transdisciplinares entre a literatura, a arte e a saúde, numa perspectiva que considero original e própria de um olhar pessoal e ao mesmo tempo brasileiro sobre o mundo. Em síntese, poderíamos resumir essa nova forma de configurar tais relações como uma leitura da hermenêutica filosófica de base heideggeriana sobre a linguagem, a arte e a saúde, realizada a partir das reflexões do grupo de pesquisa, unida a uma tradição da crítica literária brasileira que, nas palavras de Antonio Candido, considera aquilo que é *externo* à obra nem causa, nem significado dela apenas, “mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 2006, p. 14). Assim sendo, como defendo em *Pode o subalterno pensar? Literatura, narrativa e saúde em português*,

Por sua visão integradora da estética enquanto síntese viva entre forma e mundo, Candido supera, em seu método crítico, original até mesmo em contextos hegemônicos como os anglófonos, francófonos e lusófonos (em Portugal), as limitações formalistas, no limite filosóficas, do *close reading* anglo-americano, propondo a seu modo [...] a obra de arte enquanto abertura. (CARELLI, 2020, p. 241, grifo do autor)

Quando iniciamos o trabalho pioneiro do GENAM no Brasil, há mais de dez anos, nossa preocupação maior era tentar compreender as relações entre narrativa e medicina, a partir de uma revisão crítica da literatura produzida pelo campo teórico da Medicina Narrativa, tal como definido por Greenhalgh e Hurwitz (1999) e, posteriormente, por Rita Charon (2001). Eu e o Dr. Carlos Eduardo Pompilio, coordenador médico do grupo, escrevemos, então, nosso primeiro artigo sobre o assunto, defendendo uma abordagem narrativa da prática médica (CARELLI; POMPILIO, 2013). A partir do aprofundamento de nossos estudos, porém, fomos nos deparando com aquilo que consideramos as limitações teórico-metodológicas da Medicina Narrativa “clássica” e que poderíamos sintetizar como: ontologicamente (e com a declarada intenção de “re-humanizar” as práticas de saúde por meio da intersubjetividade), uma reproposição do profissional de saúde como sujeito cognoscente privilegiado nas relações de cuidado, a partir, agora, de um arsenal metodológico advindo, não apenas da ciência médica, mas também da teoria da literatura; metodologicamente, a defesa de um modelo específico de crítica literária como modo privilegiado de abordagem das narrativas em saúde, o *close reading*, que por definição, já que se trata de um método antibiográfico e anti-histórico em sua base, elide o mundo; epistemologicamente, uma apropriação instrumentalizadora (e redutora) de um método advindo das teorias da literatura para uma aplicação nas áreas da saúde, com o que a Medicina Narrativa corre o sério risco (para não dizer incorre definitivamente no erro) de

transformar a arte e a literatura em meras técnicas a serviço do conhecimento em saúde (ver, a esse respeito, CHARON 2006; CARELLI, 2002, p. 234-239).

A revisão que alguns grupos de pesquisadores empreenderam à Medicina Narrativa a partir dos anos 2011-2012, constituindo, então, a área que veio a se denominar Humanidades Médicas, se, por um lado, se instaurou na tentativa de corrigir ou amenizar a instrumentalização metodológica da arte e da literatura por parte das Ciências da Saúde, de reconhecer a insuficiência do *close reading* como método e, no limite, de considerar as abordagens narrativistas da saúde “poderosas, mas parciais” (HURWITZ, 2011), por outro, procurou questionar, afinal, o que as Ciências Humanas significariam, em termos de conhecimento do mundo e do ser e, a partir disso, que mudança profunda, em termos de vivência e ação sobre o mundo, poderiam propor às práticas em saúde.

Frente a essas aporias, o GENAM também se reposicionou, ao longo dos anos, sendo possível afirmar, hoje, termos mais pontos em comum com as Humanidades Médicas do que com a Medicina Narrativa propriamente dita, pelo grau maior de abertura da primeira em relação ao papel das Humanidades dentro da epistemologia da saúde e por sua posição crítica em relação à narratologia enquanto uma contribuição válida, mas parcial às ciências da saúde e à prática clínica. Porém, reconhecemos que tanto a Medicina Narrativa quanto as Humanidades Médicas provêm, ambas, de uma mesma raiz, a crítica a uma suposta “desumanização” das práticas de saúde por sua tecnologização e a tentativa de reversão desse processo por meio da valorização dos fenômenos narrativos de linguagem que permeiam as relações clínicas. Ora, a crítica empreendida pelo GENAM e a constituição de seu pensamento original são provenientes de outra matriz teórico-conceitual, de cunho fenomenológico-existencial, que considera a linguagem, não como representação de uma realidade preexistente a ela, nem tampouco como instrumento para se chegar ao conhecimento da “verdade”, mas como constitutiva do humano:

A linguagem não é um instrumento que está à nossa disposição, mas aquele advento que dispõe da mais alta possibilidade do ser do humano, já que a linguagem é o que previamente garante a possibilidade de estar em meio à abertura [Offenheit] do ente. Só onde há linguagem há mundo. (HEIDEGGER, apud LAFONT, 1997, p. 50, trad. minha)

Essa compreensão dos fenômenos de linguagem não apenas lhes garante uma legitimação epistemológica ("[O] discurso poético traz para a linguagem aspectos, qualidades, valores da realidade, que não têm acesso à linguagem meramente descritiva." (RICOEUR, 2010, p. 3), mas os projeta num horizonte existencial mais amplo, de abertura para o ser (uma vez que ser é compreender, ou configurar, sentidos): "Vejo nas intrigas que inventamos o meio privilegiado mediante o qual configuramos nossa experiência temporal confusa, informe e, no limite, muda." (RICOEUR, 2010, p. 4).

A opção teórica por uma matriz conceitual fenomenológica parece-nos re-equacionar, num só gesto, as três aporias (ontológica, metodológica, epistemológica) da Medicina Narrativa, tal como expostas anteriormente. Se "a linguagem é constitutiva do humano" e permeia todo o estar do ser no mundo (inclusive o de doentes e seus cuidadores), então, de princípio, não há, nem houve, "desumanização" na saúde, mas, sim, diferentes manifestações de fenômenos de linguagem, eminentemente humanos, a se considerar. E, se todos constituímos nossos sentidos de ser pela linguagem, também não haverá aquele/a que privilegiadamente conheça, nem ninguém ou nada a ser meramente conhecido, já que todo o sentido, todo o conhecimento é configurado, precariamente, em relação – entre seres, e entre estes e mundo. Cai também por terra a preferência por este ou aquele gênero textual como fenômeno privilegiado de observação, seja ele narrativo, poético, científico, argumentativo, dramático ou outro qualquer, já que, para além dos gêneros, o que há é linguagem, em sentido amplo. Além disso, a resposta de Heidegger à "pergunta pelo ser" feita em *Ser e*

tempo (HEIDEGGER, 2012), sua postulação do ser como “ser-aí”, inseparável do mundo, afirma uma inadequação, para a compreensão dos fenômenos do ser e do mundo, de modelos metodológicos meramente formalistas em sua essência, como é o caso do *close reading*. Dessa maneira, não há instrumentalização possível.

Ao longo desses dez anos, portanto, o trabalho que o GENAM foi empreendendo, em pesquisas e publicações, veio a configurar uma síntese própria e original a respeito da literatura e da arte como formas de acesso ao mundo e ao ser – em outras palavras, como formas de conhecimento. Mas não apenas isso. Nossos estudos também vêm evidenciando que, para além de uma dimensão epistemológica da arte e da literatura (ou, nas palavras de Pompílio (2013, p. 20 e 2019), do “valor de verdade” que podemos conferir a esses fenômenos), há também uma dimensão acional por meio da linguagem. Ou seja: toda estética engendraria uma ética. Nesse sentido, o trabalho com a arte e com a literatura não seria apenas um modo de conhecer e interpretar a realidade, mas também uma forma de ação, incisiva e transformadora, sobre ela.

Tal visão já se explicita, de modo introdutório, no artigo de 2014 “How to change lives with words”, escrito em parceria com Davina Marques (CARELLI; MARQUES, 2014), em que afirmamos, nos contextos da saúde, que toda atenção conferida aos aspectos narrativos da relação médico-paciente não corresponde tão somente a um ato interpretativo sobre o outro e o mundo (uma busca de conhecimentos e de sentidos sobre a doença e o doente), mas também, e algumas vezes de modo inconsciente pelos os agentes, um ato narrativo que muda o curso das vidas envolvidas no processo. A partir de um paralelo entre postulados de Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa* (RICOEUR, 2010) e *O si-mesmo como outro* (RICOEUR, 2014), e John Austin, em *How to do things with words* (AUSTIN, 1975), a conclusão a que chegamos é a de que,

[...] [à] medida que configurar uma narrativa, em termos ricoeurianos, é uma ação judicativa, isto é, uma ação sobre a cadeia causal de eventos no mundo e um modo de agir sobre “as operações teleológicas nas quais as entidades estéticas e orgânicas tomam forma”, narrar pode vir a tornar-se, não apenas uma ação constativa (isto é, relacionada à expressão de uma referencialidade, ou à intenção de ‘dizer alguma coisa’), mas também uma ação performativa, ou seja, um modo de fazer alguma coisa por meio da própria ação de narrar. Nas palavras de Austin, como previamente mencionado, o ato de configuração narrativa pode, em última instância, tornar-se uma ação de “informar, ordenar, avisar, intentar” e, no limite de seus traços perlocucionários, constituir-se também como ação de “convencer, persuadir, deter e, até mesmo, surpreender ou confundir”. Nesse sentido, [...] [t]al como o ato de fala, de acordo com Austin, tem um impacto sobre a situação de comunicação e seus agentes, o ato configurante modifica diretamente o curso da narrativa previamente configurada e seu sentido – presente, futuro e também passado. Disso decorre [...] o caráter eminentemente ético, em sentido amplo, que envolve o exercício do narrar no contexto das práticas de saúde e, no limite, da vida em geral. (CARELLI, 2020, p. 161)²

O estudo da dimensão acional da linguagem ganhou muito pouco espaço, ao longo dos anos, junto aos teóricos da Medicina Narrativa e também das Humanidades Médicas, mais preocupados, a meu ver, por todas as razões e limites expostos acima, com o desenvolvimento da perspectiva da narrativa enquanto forma de conhecimento. No entanto, em seu livro *Narratives in social science research* (2004), a psicóloga social Barbara Czarniawska postula que, para além da milenar questão epistemológica que envolve a narrativa (bem como a literatura e a arte em geral), a narrativa posta em ação é uma forma básica da vida social. Ao distinguir o conceito de “ações” (atos e processos dotados de intenções, propósitos e razões) do de “comportamentos” (atos mecânicos e sem significado), a autora ressalta a importância da intencionalidade da ação a qual, de acordo com ela, só se torna inteligível quando dotada de cenários, contextos, agentes – em outras palavras, quando

2 Publicado originalmente em inglês no volume SANDBERG, E. e SHEURER, M. (eds.). *Culture, experience, care: (re)centring the patient* (2014).

configurada narrativamente (CZARNIAWSKA, 2004, p. 3–4). Essa visão pragmatista da narrativa como ato de fala reconhece o poder dessa forma de linguagem (e, no limite, dos atos de linguagem em geral) como dispositivo de ação que faz, ou faz fazer, nas mais diversas, díspares e eventualmente desiguais formas de interação social, inclusive (mas obviamente não apenas) nas relações de saúde. Tal aspecto tem lugar fundamental em nossa pesquisa, e desenvolvê-lo, teórica e praticamente, configura-se como um dos seus objetivos centrais.

Na intenção de realizá-lo, está atualmente em curso, junto ao Departamento de Espanhol e Português da Princeton University (USA), com auxílio da FAPESP (processo BPE n. 2021/09906-9), o projeto *Pequenos Hermeneutas: fenomenologia da saúde em narrativas e imagens*. Intento, por meio dele, escrever e ilustrar cinco narrativas de ficção (que serão detalhadas mais abaixo), mediante uma reflexão teórica aprofundada a respeito de quatro eixos de nossa investigação: a fenomenologia da saúde a partir da arte; uma crítica à instrumentalização da arte e da literatura, com base no conceito de “utilizável” e das reflexões de Heidegger sobre a questão da técnica (HEIDEGGER, 2007; entre outros); uma visão fenomenológica da corporalidade, a partir da crítica da clivagem cartesiana entre mente e corpo tal como empreendida por filósofos como Maurice Merleau-Ponty (1999), Michel Foucault (1999, 2000) e outros; e os conceitos heideggerianos de “angústia” e de “ser-para-a-morte” (HEIDEGGER, 2012, p. 365-367; 679 e ss.), de um ponto de vista geral (em um dos livros, *A raposinha e a lua*) e, de modo mais específico, a partir da experiência da pandemia do Sars-CoV-2 (no segundo livro desta temática, intitulado *O fenomenal Corona*).

VIDAS (PÓS)PANDÊMICAS

A pandemia da COVID-19, que se instaurou mundialmente a partir de março de 2020, trouxe à Universidade, ao GENAM e a nós, pesquisadores, desafios e urgências nunca antes enfrentados na proporção e na maneira como se colocaram, de forma absolutamente

repentina, naquele momento. A Ciência Médica foi duramente posta em xeque; a saúde pública tornou-se o principal assunto na imprensa, nas redes sociais. O Coronavírus atingiu as relações familiares, as instituições (mesmo as mais consolidadas, como a escola), a economia; transformou a organização do trabalho. No momento da escrita deste artigo, em 27 de junho de 2022, o painel em tempo real da Organização Mundial da Saúde acusava 540.923.532 casos confirmados da doença no mundo, e mais de 6 milhões de mortes³.

O trabalho do GENAM, como não poderia deixar de ser, também sofreu, de forma imediata, o impacto da pandemia. Uma das suas consequências quase imediatas, ainda que, na maioria dos casos, de modo intuitivo, foi a retomada da produção criativa. Narrar a pandemia, ou dar a ela uma forma, em linguagem poética ou em imagens plásticas, configurá-la e configurar-se nela, começou a se apresentar como ação prioritária num mundo em que tudo o que era certo e rotineiro se esboroava. Com a pandemia, escancarou-se de uma vez por todas que a arte, e afirmo isso categoricamente, não tem função, mas exerce papéis importantes. Um deles refere-se ao fato de que, conforme Antonio Candido, em “O direito à literatura”,

a forma [artística] traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar⁴ devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe essa superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido. (CANDIDO, 2011, p. 180)

³ Ver: <https://covid19.who.int/>. Acesso em 27-06-2022.

⁴ Cito aqui o texto original de Antonio Candido, muito embora empreendamos uma crítica bastante consciente à questão da chamada “humanização”, cf. acima e também em Heidegger (2005) e Carelli (2020, p. 77-82).

Ou, como diz Heidegger, “[n]a obra, se nela acontece uma abertura do ente, no que é e no modo como é, está em obra um acontecer da verdade. // Na obra de arte, põe-se em obra a verdade do ente.” (HEIDEGGER, [s.d.], p. 27).

É no sentido dessa articulação entre a urgência da arte como modo de configuração de sentidos para a vida, “um acontecer da verdade” tornado mais explícito pela experiência da COVID-19, e o aprofundamento da visão da elaboração artística como um agir sobre o mundo, que desde sempre esteve no escopo das investigações do grupo de pesquisa, que a elaboração das narrativas da coleção *Pequenos Hermeneutas* se apresenta e justifica. Trata-se aqui, ao mesmo tempo, de propor, de modo ampliado, a reflexão sobre a existência na interface com a saúde a partir de uma fundamentação teórico-metodológica consistente, como já temos feito há, pelo menos, dez anos, aliada à atividade prática da criação literária e artística como modo de ação incisivo e concreto sobre a vida. “A obra [de arte] abre um mundo”, diz Heidegger. “Ser obra quer dizer: instalar um mundo”:

Ao abrir-se um mundo, todas as coisas adquirem a sua demora e pressa, a sua distância e proximidade, a sua amplidão e estreiteza.

Na medida que uma obra é obra, abre o espaço para aquela amplidão. Abrir espaço quer dizer aqui ao mesmo tempo: libertar o livre do aberto e instituir este livre no seu conjunto de traços. (HEIDEGGER, [s.d.], p. 34/5)

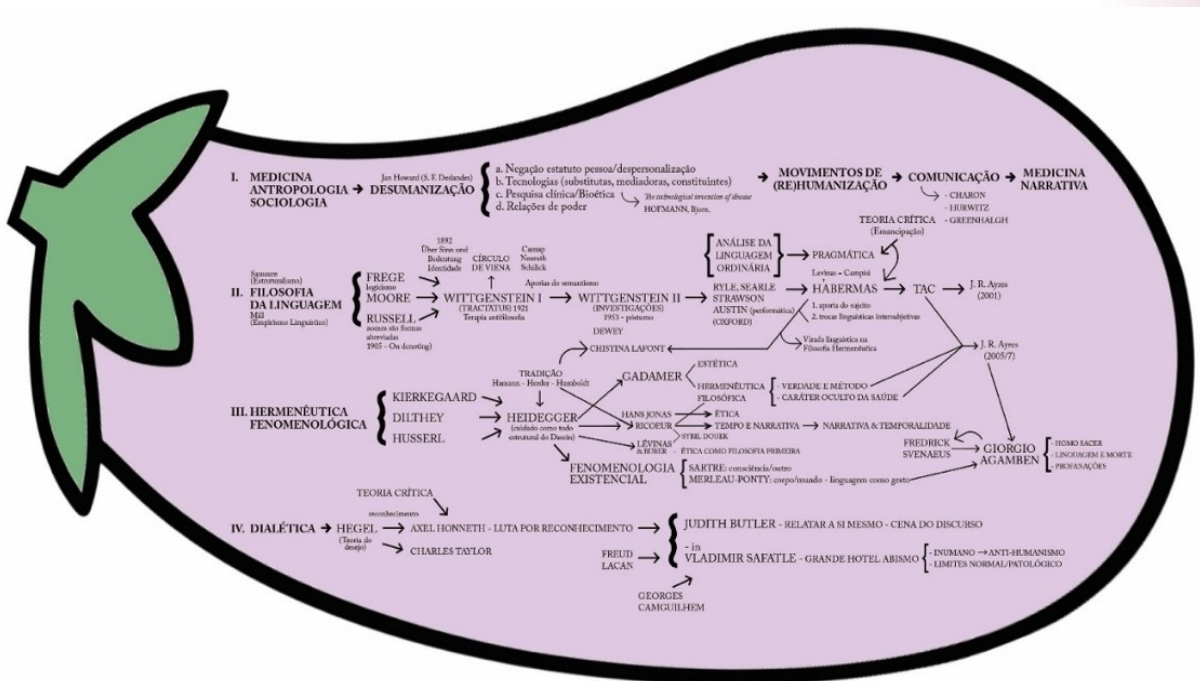
PEQUENOS GRANDES PERSONAGENS

Para realizar essa incisão concreta e, ao mesmo tempo, criticamente potente por meio do trabalho de criação, encontram-se em fase de elaboração escrita e visual cinco obras de uma projetada coleção de histórias, intitulada *Pequenos Hermeneutas*.

A primeira dessas histórias é *Severino Berinjela*. Severino é uma larva de *Neoleucinodes elegantalis* (a conhecida broca da berinjela) com tendências intelectuais (de fato, Severino acha que deveria talvez ter vindo ao mundo traça de livro, e não bicho de fruta). Recém-nascido de seu

ovo, por sorte (ou seria puro azar?...), Severino perfura a casca da berinjela hermenêutica do GENAM (Figura 1) e passeia inadvertidamente pelas linhas teórico-filosóficas que fundamentam a perspectiva do grupo a respeito da Medicina Narrativa e das Humanidades Médicas, perdido entre nomes, tendências e suas próprias questões existenciais.

Figura 1 – A "berinjela hermenêutica" (design de Paulo César Ribeiro Filho, 2019)



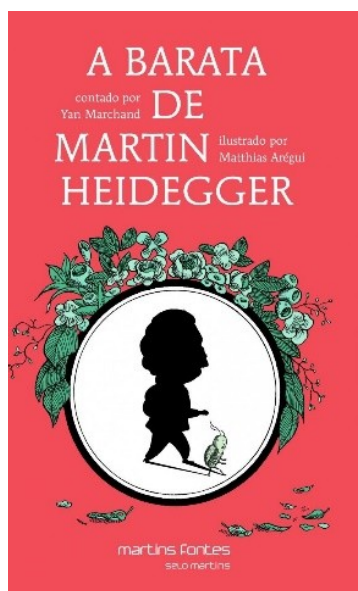
Fonte: CARELLI, 2020.

Sobre a “berinjela hermenêutica” do GENAM, uma breve explicação: ela é um quadro sinóptico desenvolvido pelo grupo para explicar visualmente como e por que nosso pensamento se diferencia do desenvolvido pelo campo da Medicina Narrativa de matiz norte-

americana, conforme explicitado mais acima e desenvolvido em detalhe em meu livro *Pode o subalterno pensar? Literatura, narrativa e saúde em português* (CARELLI, 2020).

A ideia de *Severino Berinjela* é aprofundar a metáfora proposta por esse quadro sinóptico. Severino é livremente inspirado em Martin, o inseto angustiado criado por Yan Marchand em *A barata*, de Martin Heidegger (MARCHAND; ARÉGUI, 2014) (Figura 2), e no poema dramático *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto (1. ed. 1955; 1956).

Figura 2 – *A barata*, de Martin Heidegger – Capa



Fonte: MARCHAND, ARÉGUI, 2014.

Neste livro, por meio da trajetória de Martin, barata que perambula pelo cemitério de Messkirch e acaba dentro do cadáver de Heidegger, discutem-se narrativamente, de forma bem-humorada, alguns aspectos fundamentais do pensamento do filósofo: a angústia

existencial, o ser-para-a-morte, a distinção entre ente e Ser, o a-gente, o dispositivo, e assim por diante:

Martin arrastava sua carapaça pelo cemitério de Messkirch feito uma alma penada.

Ele era assim desde que nasceu. Perguntava-se o que fazia no mundo e, sobretudo, por que havia sido jogado nele se iria morrer um dia; perguntava-se também por que as coisas existem, uma vez que iriam desaparecer. Perguntava-se até mesmo por que se fazia todas essas perguntas...

Dizem que as baratas, como todos os outros animais, não conseguem pensar a própria morte, limitando-se a perecer, assim como as flores se limitam a murchar.

Não era o caso do nosso pobre Martin! (MARCHAND; ARÉGUI, 2014, p. 5)

Figura 3 – Perambulação de Martin, a barata



Fonte: MARCHAND, ARÉGUI, 2014, p. 5.

A qualidade da obra de Marchand e Arégui, a fidelidade aos conceitos heideggerianos e, ao mesmo tempo, a engenhosidade em narrativizá-los, ou seja, de enraizá-los em personagens, cenários, situações, diálogos e ações inspirou, no momento de sua leitura, a possibilidade de fazê-lo também para o trabalho que vínhamos desenvolvendo no

GENAM. Em outras palavras, poderíamos não apenas apreciar criticamente as narrativas (e outros gêneros textuais) em saúde, mas também colocar em prática a criação como modo de figuração de nossas ideias, de apresentação delas ao público em geral e de ação artística sobre o mundo. Se “narrar é configurar sentidos”, os nossos também poderiam ser engendrados dessa forma. Se existe o ato narrativo, a proposta, então, é agir narrativamente, de forma deliberada e consciente.

Em relação ao projeto gráfico de Severino Berinjela, ele também se enraíza na poesia de João Cabral de Melo Neto e em sua intimidade com as artes visuais, especialmente com a arquitetura de Le Corbusier e Joaquim Cardozo (este no Brasil) e a pintura de Pablo Picasso, Piet Mondrian e Joan Mirò (sobre a relação da poesia de João Cabral de Melo Neto com as artes plásticas, v., entre outros, COSTA, 2014; FERRAZ, 1997; GONÇALVES, 1989; LÔBO, 1981).

O segundo livro da coleção *Pequenos Hermeneutas é Othello, o Martelo*.

Esta é a causa, minha alma. Oh! Esta é a causa! Não vo-la nomearei, castas estrelas! Esta é a causa! Não quero verter sangue, nem ferir-lhe a epiderme ainda mais branca do que neve e mais lisa que o alabastro. Mas é fatal que morra; do contrário, virá ainda a enganar mais outros homens, diz Otelo na peça homônima de William Shakespeare ([s.d.], p. 63)

Em *Othello, o Martelo*, o protagonista Othello, um martelo de tendências shakespearianas, recusa-se a aceitar sua condição de instrumento. Seu maior desejo (um desejo meio pinocchiano, meio heideggeriano) é deixar de ser ente e vir a Ser. Com esta obra, pretende-se discutir narrativamente a instrumentalização das Artes e das Humanidades pelas ciências empíricas e propor meios de superá-la. Entram em questão aqui principalmente os conceitos heideggerianos de “utilizável” e de “armação”, como propostos em *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2012), e sua discussão sobre a questão da técnica (HEIDEGGER, 2007), bem

como suas reflexões sobre a obra de arte (HEIDEGGER, [s.d]) e o posterior desenvolvimento do tema empreendido por Gadamer (2010, 2011).

Quanto ao seu projeto gráfico, *Othello*, por discutir a “questão da técnica” (tema não apenas de Benjamin (1987a), como também de Heidegger (2007) será realizado mediante técnicas de fotografia, colagem e mosaico (sobre a fotografia , v. BENJAMIN, 1987b; SONTAG, 2003; BAZIN, apud XAVIER, 1983).

Em *O pequeno dançarino das estrelas*, terceiro livro da coleção, conheceremos Fred, um menino que perdeu a perna esquerda para um câncer aos cinco anos, mas descobre dançando que seu corpo é muito mais do que um punhado de carne, sangue e ossos. Neste livro, pretende-se trabalhar a questão da fenomenologia da corporalidade, a partir da crítica à ideia de sujeito como a *res cogitans* cartesiana, da ideia de “corpo como a grande razão” de Nietzsche (2022, p. 48) e das reflexões de Merleau-Ponty na Fenomenologia da percepção. Nesta obra, com base em Husserl, Merleau-Ponty distingue entre *Körper* (“organismo”) e *Leib* (“corpo vivo, com alma”) e postula o conceito de “corpo cognoscente” (Merleau-Ponty, 1999, p. 380; v. também SLATMAN, 2009):

Hier tanzt der Leib!
Wie sich Körper – und Leiberleben im Tanz unterscheiden
(Aqui, o corpo que dança!
Quão distinta de corpo – a experiência corpórea na dança). (OBERHAUS, 2010)⁵

A história de Fred fala de vida, movimento e renascimento por meio da dança. Nesse sentido, sua inspiração narrativa e visual vem da literatura e, também, do cinema. A criação de Fred, nesse sentido, dialoga com o cinema-quase-magia de Georges Méliès e com certos

⁵ Agradeço ao Dr. Carlos Eduardo Pompilio a tradução do trecho, bem como as indicações bibliográficas deste item.

musicais clássicos norte-americanos, estrelados pelo dançarino Fred Astaire. *O pequeno dançarino das estrelas* também dialoga com certos contos infantis, como *Os sapatos vermelhos*, de Hans Christian Andersen. O projeto gráfico do livro persegue a ideia da imagem-movimento.

Já em fase avançada de escrita, o quarto livro da coleção Pequenos Hermeneutas é O fenomenal Corona, cujo texto é produção coletiva do GENAM e do grupo de Semeadores de Histórias do Ateliê Oculí de Artes, em São Paulo, ele também resultado de uma reflexão particular dos dois grupos a respeito da COVID-19. Nele, Coronavírus, em sua viagem pelo mundo à procura de hospedeiros, entra numa loja de cristais em Praga, República Tcheca, e trava amizade com Sherazade, uma elefanta cor-de-rosa que ali trabalha. A partir desse encontro, inicia-se uma vertiginosa viagem dos inusitados amigos pelo interior do corpo humano, em que batalhas serão travadas na luta pela sobrevivência, em meio a profundas descobertas sobre as relações humanas e os sentidos do viver e do morrer.

A pretensão desta obra é oferecer ao público leitor uma visão fenomenológica do Novo Coronavírus e da COVID-19, para além das formulações maniqueístas e simplificadoras que vêm estruturando as narrativas sobre a pandemia, especialmente na imprensa e nas redes sociais, ao longo dos últimos anos. Muito importantes para esta reflexão serão os conceitos de “a-gente”, de “angústia” e de “ser-para-a-morte”, entre outros, desenvolvidos por Heidegger em *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2012). Como horizonte de inspiração literária, *O fenomenal Corona* se enraíza, ao mesmo tempo, em *As mil e uma noites*, na *Ilíada* e outras narrativas clássicas e na literatura médica, especialmente nos campos da anatomia e da imunologia. Do ponto de vista visual, a obra será estruturada em torno da oposição entre o “grande” e o “pequeno”, com inspiração em *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e na estrutura da *road-story*, a partir de técnicas como desenho, nanquim e aquarela.

Por fim, o último livro da coleção *Pequenos Hermeneutas* é *A raposinha e a lua*, já escrito e em fase intermediária de ilustração. Nele, a raposinha muito jovem, ao travar uma amizade inusitada com a velha Lua, entra em contato com a ideia do iminente desaparecimento do astro, com o amor, a cumplicidade e as condições da finitude. Escrito para falar da morte a crianças, *A raposinha e a lua* constrói uma viagem profunda nos territórios do sonho e do crescimento possível por meio do afeto e do vínculo, dos quais ambos, raposa e lua, sairão modificados. O livro estabelece relações intertextuais com várias narrativas sobre o satélite lunar e, certamente, também com *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry e outras histórias infantis. Seu projeto gráfico mistura a técnica movediça e delicada da aquarela nos cenários com colagem em cartão e na construção do boneco articulado (a raposa) em 3D.

UT PICTURA POESIS: A QUESTÃO DA IMAGEM

Em sua obra *Do espiritual na arte*, afirma Wassily Kandinsky, discutindo as relações entre os diversos sistemas artísticos do século XX, afirma que nas épocas em que as artes mais lutaram para atingir suas autonomias, voltadas para seus próprios sistemas, mais elas se aproximaram umas das outras. Assim, para ele, “uma arte pode aprender da outra o modo com que se serve de seus meios para depois, por sua vez, utilizar os seus da mesma forma, [...] segundo o princípio que lhe seja próprio” (*apud* GONÇALVES, 1989, p. 27; KANDINSKY, 1996). João Cabral de Melo Neto, uma das inspirações do projeto de criação e investigação apresentado neste artigo, foi exemplo vivo do trabalho consciente de uma escrita que se fez, em muitos momentos, como arte visual, e suas grandes admirações artísticas, como Mirò, Picasso e Le Corbusier, por sua vez, de uma criação de imagens como quem escreve (GONÇALVES, 1989; LÔBO, 1981). É do pintor e arquiteto Le Corbusier, representante máximo da Bauhaus, a epígrafe do livro *O engenheiro* (1943), “... machine à émouvoir...”, que motivou

diversas investigações acadêmicas sobre as relações entre a poesia de João Cabral e a arquitetura (ver, entre outros, FERRAZ, 1997).

Do ponto de vista da interface entre arte e saúde, minha recente dedicação ao trabalho com as artes visuais tem feito ver, cada vez de modo mais claro, que nem só de narrativas (verbais) vivem tais relações. Há uma importante questão epistemológica envolvida nessa reflexão. Como já explicitado anteriormente, tanto Heidegger quanto Gadamer, Paul Ricoeur e outros, cada um a seu modo, afirmam categoricamente que existe um conhecer pela arte, muito diverso do conhecimento científico. Na esteira dessas afirmações, diz o filósofo da arte Didi-Huberman que o que está em jogo nesse processo epistemológico pela via artística é

[...] [p]ara além do próprio saber [vinculado à ideia da *adequatio rei et intellectus* da ciência (cf. DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 11)], lançar-se na prova paradoxal de não *saber* (o que equivaleria exatamente a negá-lo), mas de *pensar* o elemento do não-saber que nos deslumbra toda vez que pousamos nosso olhar sobre uma imagem da arte. Não se trata mais de pensar um perímetro, um fechamento – como em Kant –, trata-se de experimentar uma rasgadura constitutiva e central, onde a evidência, ao se estilhaçar, se esvazia e se obscurece. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 13–4, itálicos do autor)

Além disso, como afirma Maria Zilda da Cunha em *Na tessitura dos signos contemporâneos*, “as linguagens são híbridas” (2009, p. 101). A respeito de Angela Lago, escritora e ilustradora brasileira que descreve como tecelã de linguagens, diz Cunha que a autora “explora não só as dimensões sonoras, semânticas da palavra, mas, em especial, as dimensões plásticas da escrita” (2009, p. 107), e que “[a]s imagens e as palavras são uma só coisa, pois os pintores e escritores pertencem à mesma categoria” (2009, p. 117).

Projetando-nos no vetor do conhecer-narrar-imaginar-agir do qual vimos falando até aqui, lembro novamente, agora com Kandinsky (1996), que “[...] criar uma obra de arte é criar um

“mundo.” – e que, portanto, diante desse novo elemento assim criado, todo o entorno se torna outro. Criar, nesse sentido, é transformar. Acredito que o aprofundamento da reflexão (teórica e prática) sobre essa “dimensão plástica da escrita” e seus possíveis impactos abrirá, para a investigação entre as relações entre arte e saúde, campos ainda não suficientemente explorados nem pela Medicina Narrativa nem pelas Humanidades Médicas e afirmará ainda mais a originalidade teórico-metodológica, e também criativa, do pensamento que temos desenvolvido no interior das áreas interdisciplinares de investigação em que esta pesquisa se insere.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. v.1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: *Magia e técnica, arte e política*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987b. p. 91-107.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARELLI, F. B. *Pode o subalterno pensar? Literatura, narrativa e saúde em português*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

CARELLI, F. B.; POMPILIO, C. E. The silence of the innocents: For a narrative study of medical practice. *Interface: Communication, health, education*, v. 17, n. 46, 2013.

CARELLI, F. B.; MARQUES, D. How to change lives with words. In: *Culture, experience, care: (re)centring the patient*. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2014. p. 47-55.

CHARON, R. Narrative medicine: a model for empathy, reflection, profession, and trust. *JAMA*, v. 286, n. 15, p. 1897–1902, 2001.



CHARON, R. *Narrative medicine: honoring the stories of illness*. New York: Oxford University Press, 2006.

COSTA, R. R. *Poéticas da visualidade em João Cabral de Melo Neto e Joan Miró : a poesia como crítica de arte*. Jundiaí: Paço Editorial, 2014.

CUNHA, M. Z. DA. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2009.

CZARNIAWSKA, B. *Narrative in social science research*. London: SAGE Publications, 2004.

DIDI-HUBERMAN, G. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERRAZ, E. de N. *Máquina de comover: a poesia de João Cabral de Melo Neto e suas relações com a arquitetura*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GADAMER, H. G. *A hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GADAMER, H. G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONÇALVES, A. J. *Transição e permanência: Miró/João Cabral: da tela ao texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

GREENHALGH, T.; HURWITZ, B. Narrative based medicine: Why study narrative? *British medical journal*, v. 318, n. 7175, p. 48-50, 1999.

HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.



HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, v. 5, São Paulo, p. 375–398, 2007.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HURWITZ, B. Narrative (in) medicine. In: HURWITZ, B.; SPINOZZI, P. (Eds.). *Discourses and narrations in the biosciences*. Goettingen: W&R Unipress, 2011. p. 45–59.

KANDINSKY, W. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAFONT, C. *Lenguaje y apertura del mundo: el giro lingüístico de la hermenéutica de Heidegger*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

LÔBO, D. *O poema e o quadro: o picturalismo na obra de João Cabral de Melo Neto*. Brasília: Thesaurus, 1981.

MARCHAND, Y. *A barata de Martin Heidegger*. Ilustrador: M. Arégui. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MELO NETO, J. C. de. *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. [s.l.] Ebooksbrasil, 2002.

OBERHAUS, L. Hier tanzt der Leib! Wie sich Körper – und Leiberleben im Tanz unterscheiden. *Zeitschrift ästhetische Bildung*, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 1–14, 2010.

POMPILIO, C. E. A tragédia da doença: bases fenomenológicas da medicina narrativa. *Revista de Letras*, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 11–23, 2013.

POMPILIO, C. E. *Arguição de Andrea Funchal Lens*. São Paulo, 2019.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SHAKESPEARE, W. *Otelo, o mouro de Veneza*. [s.l.: s.n.].

SLATMAN, J. Transparent Bodies: Revealing The Myth Of Interiority. *In*: ZWIJNENBERG, R. P.; VALL, R. van de (Eds.). *The body within*. Leiden: Brill, 2009. p. 107-122.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XAVIER, I. *A experiência do cinema*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Envio: Julho de 2022
Aceite: Julho de 2022